

Escoamentos Internos: Parte II

PME 3230 - Mecânica dos Fluidos I

PME/EP/USP

Prof. Antonio Luiz Pacífico

2º Semestre de 2018

Conteúdo da Aula

- 1 Introdução
- 2 Turbulência
- 3 Análise Dimensional do Escoamento em Tubos
- 4 Perdas de Carga
 - Perda de Carga Distribuída
 - Perda de Carga Localizada
- 5 Exercícios de Aula

Introdução

O estudo dos escoamentos turbulentos viscosos no interior de dutos tem como aplicação prática, para um curso introdutório de Mecânica dos Fluidos, o cálculo da chamada **perda de carga** que representa as perdas de energia (na verdade transformação de parte da energia disponível no escoamento em calor e variação da energia interna do fluido).

Outros objetivos relativos à aplicação prática dos escoamentos turbulentos viscosos são a determinação da vazão do escoamento, das pressões e potências requeridas para vencer o atrito viscoso e as singularidades: cotovelos, válvulas, mudanças de área de seção, etc.

Para atingir esses objetivos as principais equações utilizadas são as da conservação massa, energia e quantidade de movimento além da análise dimensional, ferramenta extremamente importante quando se trata de escoamentos turbulentos.

Turbulência



Figura: *A Noite Estrelada* de Vincent Van Gogh.

Turbulência

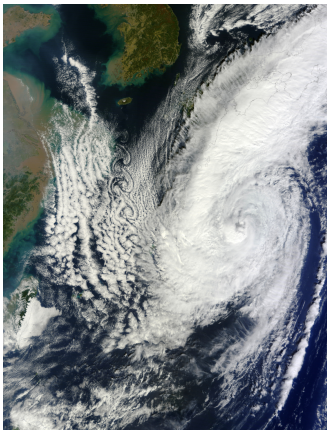


Figura: Turbulência atmosférica.



Figura: Grande mancha vermelha: Júpiter.

Turbulência

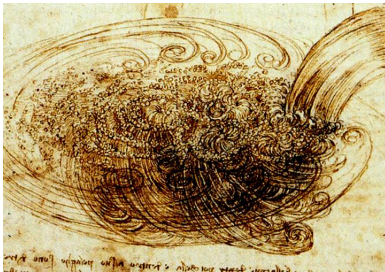


Figura: Desenho de Leonardo da Vinci (ca. 1510) sobre a turbulência.



Figura: Via Láctea.

Turbulência

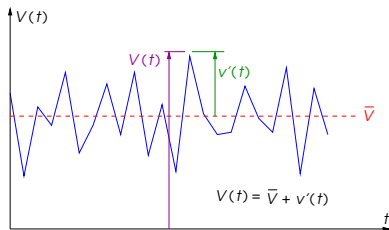
A grande maioria dos escoamentos encontrados na prática da engenharia são turbulentos.

Escoamentos turbulentos são complexos. Eles são dominados por flutuações de velocidade. Até hoje grande parte da teoria de escoamentos turbulentos permanece não desenvolvida.

Do físico alemão Werner Heisenberg: "Quando encontrar Deus, vou fazer-lhe duas perguntas: 'Por que a relatividade?' e 'Por que a turbulência?' Acredito que Ele terá uma resposta para a primeira."

O escoamento turbulento é caracterizado por flutuações aleatórias e rápidas de regiões em redemoinho de fluido, chamadas de **turbilhões**, em todo escoamento.

Escoamento Turbulento em Dutos: Flutuações e Médias



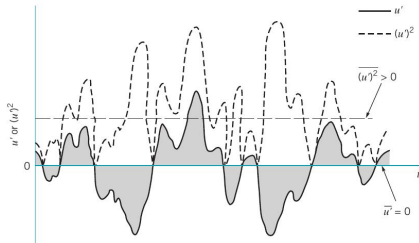
Para o escoamento turbulento o conceito de regime permanente deve ser entendido em função da sua média temporal. Quando esta média é constante no tempo, diz-se que o escoamento [turbulento] é permanente em média.

Para escoamentos turbulentos:

$$\tau = \tau_{lam} + \tau_{turb} = \mu \cdot \frac{d\bar{u}}{dy} - \rho \cdot \overline{u' \cdot v'}$$

onde o termo $\rho \cdot \overline{u' \cdot v'}$ é conhecido como tensão de Reynolds e tem valor sempre negativo.

Escoamento Turbulento em Dutos: Flutuações e Médias



A componente média da velocidade na direção x do escoamento, por exemplo, é dada por:

$$\bar{u} = \frac{1}{T} \cdot \int_{t_0}^{t_0+T} u(x, y, z, t) \cdot dt$$

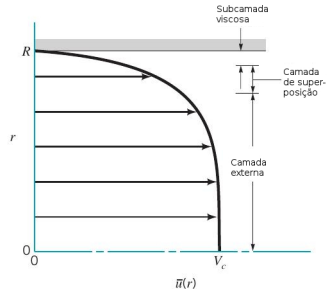
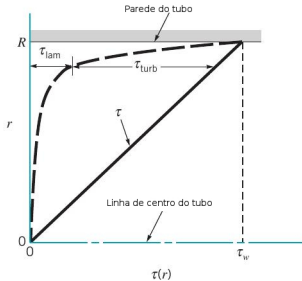
A média temporal da flutuação é nula:

$$\overline{u'} = \frac{1}{T} \cdot \int_{t_0}^{t_0+T} (u - \bar{u}) \cdot dt = \frac{1}{T} \cdot \left(\int_{t_0}^{t_0+T} u \cdot dt - \int_{t_0}^{t_0+T} \bar{u} \cdot dt \right) = \frac{1}{T} \cdot (T \cdot \bar{u} - T \cdot \bar{u}) = 0$$

Intensidade de turbulência:

$$I = \frac{\sqrt{\overline{(u')^2}}}{\bar{u}} = \frac{\left[\frac{1}{T} \cdot \int_{t_0}^{t_0+T} (u')^2 \cdot dt \right]^{1/2}}{\bar{u}}$$

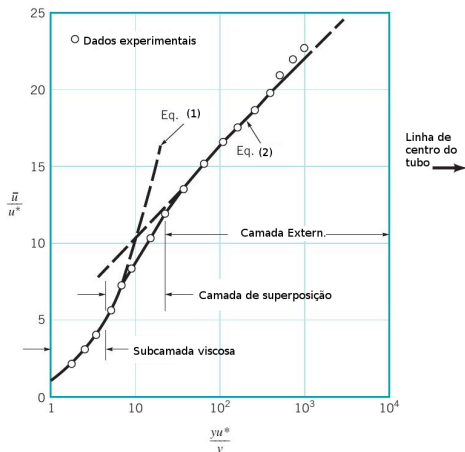
Escoamento Turbulento em Dutos: Estrutura



Normalmente, τ_{turb} é de 100 a 1000 vezes maior que τ_{lam} na camada externa, enquanto o inverso ocorre na subcamada viscosa.

“... ainda não existe um modelo de turbulência geral e completo que descreva como varia a tensão de cisalhamento num campo de escoamento incompressível, viscoso e turbulento qualquer.”[Munson]

Escoamento Turbulento em Dutos: Perfil de Velocidade



Perfil de velocidade na subcamada viscosa ($0 \leq y.u^*/\nu \leq 5$):

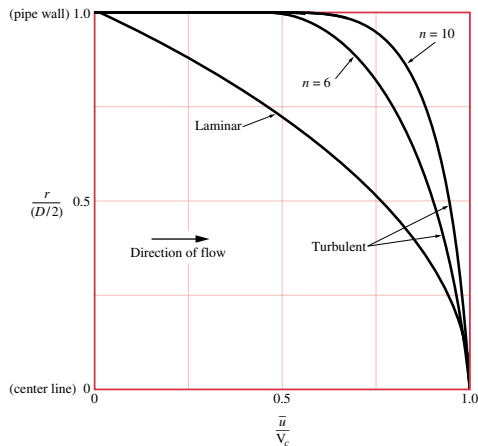
$$\frac{\bar{u}}{u^*} = \frac{y \cdot u^*}{\nu} \quad (1)$$

onde $y = R - r$ e u^* é a chamada velocidade de atrito dada por $u^* = (\tau_p/\rho)^{1/2}$.

Para a região central do tubo, dados experimentais e análise dimensional sugerem que:

$$\frac{\bar{u}}{u^*} = 2,5 \cdot \ln \left(\frac{y \cdot u^*}{\nu} \right) + 5,0 \quad (2)$$

Escoamento Turbulento em Dutos: Perfil de Velocidade



O perfil de velocidades [experimental] para escoamento turbulento em tubos de parede lisa é dado pela *lei de potência*:

$$\frac{\bar{V}}{V_{max}} = \left(1 - \frac{r}{R}\right)^{1/n} \quad (3)$$

onde V_{max} é a velocidade na linha de centro do tubo (máxima). A figura ao lado mostra valores típicos para o expoente n . O valor $n = 7$ é muito usado e frequentemente leva o perfil de potência a ser chamado "perfil de potência um sétimo".

Análise Dimensional do Escoamento em Tubos

No escoamento turbulento não se consegue avaliar a queda de pressão e, conseqüentemente, a perda de carga, de maneira analítica. Assim, para solução deste problema recorre-se à análise dimensional e aos experimentos. Tais práticas, aliadas à experiência de que $\Delta p_L = f(D, \bar{V}, L, \varepsilon, \mu, \rho)$, onde ε é a rugosidade absoluta da parede interna do tubo, permitem escrever que:

$$\frac{\Delta p_L}{\rho \cdot \bar{V}^2} = \phi \left(\text{Re}, \frac{L}{D}, \frac{\varepsilon}{D} \right)$$

A experiência mostra que a queda de pressão num escoamento turbulento é diretamente proporcional à razão L/D , o que, portanto, permite escrever que:

$$\frac{\Delta p_L}{\rho \cdot \bar{V}^2} = \frac{L}{D} \cdot \phi_1 \left(\text{Re}, \frac{\varepsilon}{D} \right)$$

Análise Dimensional do Escoamento em Tubos

Como o lado esquerdo é também adimensional, seu denominador pode ser multiplicado por $(1/2)$ que continuará adimensional, mas o denominador passará a ser a pressão dinâmica do escoamento (termo associado à energia cinética específica do escoamento).

Assim,

$$\frac{\Delta p_L}{\frac{1}{2} \cdot \rho \cdot \bar{V}^2} = \frac{L}{D} \cdot \phi_2 \left(\text{Re}, \frac{\varepsilon}{D} \right)$$

A função desconhecida, $\phi_2(\text{Re}, \varepsilon/D)$ é o fator de atrito de Darcy, já apresentado na teoria de escoamento laminar em tubos. Lá ele era função somente de Re . Aqui, além de Re ele é função também da rugosidade relativa da parede interna do tubo, ε/D . Uma vez que $\Delta p_L = \rho \cdot g \cdot h_L$, segue-se que:

$$h_L = f \cdot \frac{L}{D} \cdot \frac{\bar{V}^2}{2 \cdot g} \quad (4)$$

Perdas de Carga

O termo h_L é a **perda de carga total** do escoamento numa tubulação. Esta perda de carga total é subdividida em duas outras: **perda de carga distribuída**, quando é devida aos trechos retos de tubo com área da seção transversal constante; e **perda de carga localizada ou singular** relativa às singularidades (elementos) tais como válvulas, conexões, etc. Estas perdas localizadas são tratadas como pequenas descontinuidades na linha piezométrica e nas linhas de energia e são causadas essencialmente por escoamentos separados ou secundários que *consomem* energia do escoamento. Deste modo, designando por h_d as perdas de carga distribuídas e por h_s as localizadas:

$$h_L = \sum_{i=0}^N h_{d,i} + \sum_{j=0}^M h_{s,j} \quad (5)$$

Conservação da Energia

Na aula de *teoria* sobre conservação da energia foi visto que:

$$\frac{p_1}{\gamma_1} + \alpha_1 \cdot \frac{\overline{V}_1^2}{2.g} + z_1 + h_{bomba} = \frac{p_2}{\gamma_2} + \alpha_2 \cdot \frac{\overline{V}_2^2}{2.g} + z_2 + h_{turbina} + h_L \quad (6)$$

onde α é o coeficiente de correção da energia cinética que vale 2 para escoamentos laminares e aproximadamente 1 para escoamentos turbulentos¹.

Define-se a carga num duto por:

$$H = \frac{p}{\gamma} + \alpha \cdot \frac{\overline{V}^2}{2.g} + z$$

Portanto a Eq. (6) pode ser escrita como:

$$H_1 + h_{bomba} = H_2 + h_{turbina} + h_L \quad (7)$$

¹Para maiores detalhes consultar a aula de teoria referente a este assunto. ▶

Perda de Carga Distribuída

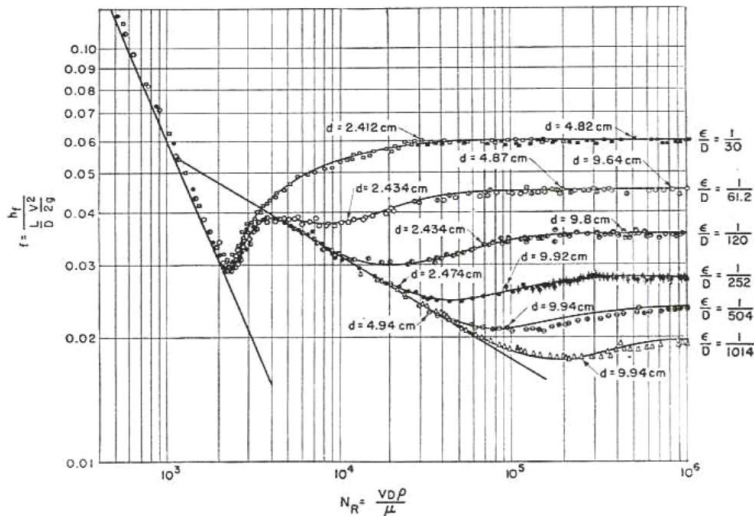
Como visto na análise dimensional o fator de atrito, f , é função da rugosidade relativa, ε/D e do número de Reynolds, Re :

$$f = \phi(\varepsilon/D, \text{Re}).$$

Nikuradse usou tubos artificialmente rugosos, revestidos internamente por grãos de areia de dimensões uniformes e uniformemente distribuídos. Seus testes abrangeram a faixa de $1/30 < \varepsilon/D < 1/1024$. Para tanto, variava a vazão volumétrica, Q , na tubulação e media a queda de pressão para um trecho de comprimento L de tubo: $\Delta p_L = \gamma \cdot h_d$. A partir daí, calculava f a partir da Eq. (8). Seus resultados foram apresentados na forma de um diagrama (página seguinte).

Perda de Carga Distribuída

Perda de Carga Distribuída



Perda de Carga Distribuída

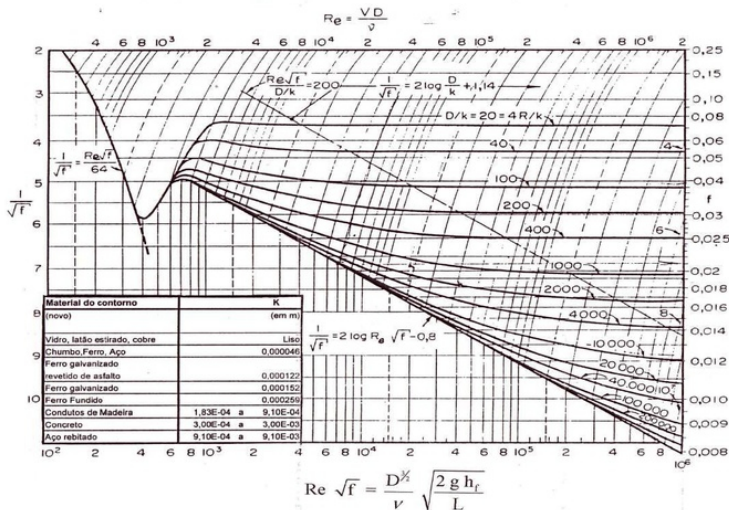
Para a faixa na qual $Re < 2100$ tem-se o escoamento laminar que já foi amplamente explorado na aula L3: escoamento laminar viscoso em dutos. Aqui cabe somente recordar que neste tipo de escoamento f é independente de ε/D , sendo função apenas de Re : $f = 64/Re$.

Uma análise simples do diagrama obtido por Nikuradse sugere as seguintes regiões:

- para $Re > 10^5$, para o mesmo valor de rugosidade relativa, não há praticamente mudança no valor de f . Esta região é conhecida como hidraulicamente rugosa, pois a nela $f = \phi(\epsilon/D)$ somente;
- para valores de Re dentro da faixa de transição e um pouco acima (estes valores são aproximados) todas as curvas de ϵ/D colapsam num única curva, indicando a independência de f em relação a ϵ/D nesta faixa. Assim, para esta região $f = \phi(Re)$ somente e a situação é chamada de hidraulicamente lisa. Neste caso a espessura da camada limite é maior que a rugosidade absoluta (ver *slides* anteriores);
- para valores de Re intermediários entre estas duas situações tem-se uma região de transição entre hidraulicamente liso e hidraulicamente rugoso, onde, então, $f = \phi(Re, \epsilon/D)$.

Perda de Carga Distribuída

Perda de Carga Distribuída: Diagrama de Rouse



Perda de Carga Distribuída

Para evitar a necessidade de uso de métodos gráficos para determinação de f (como o diagrama de Moody), são utilizadas equações de predição de f em função de Re e ε/D . A primeira delas é a correlação de Colebrook, na qual está baseada toda a construção do diagrama de Moody:

$$\frac{1}{\sqrt{f}} = -2 \cdot \log_{10} \left(\frac{\varepsilon/D}{3,7} + \frac{2,51}{Re \cdot \sqrt{f}} \right) \quad (9)$$

Como a Eq. (9) é implícita, há uma equação que se costuma utilizar, com erro de no máximo 1%, para primeira estimativa de f :

$$f_0 = 0,25 \cdot \left[\log_{10} \left(\frac{\varepsilon/D}{3,7} + \frac{5,74}{Re^{0,9}} \right) \right]^2$$

Perda de Carga Distribuída

Para escoamentos turbulentos em tubos lisos ($\varepsilon/D = 0$) e $Re \leq 10^5$, utiliza-se a correlação de Blasius:

$$f = \frac{0,316}{Re^{1/4}} \quad (10)$$

A Eq. (10) é utilizada para deduzir uma expressão que obtém o valor da tensão de cisalhamento na parede interna do tubo para escoamento turbulento liso (portanto válida para as mesmas condições):

$$\tau_p = 0,0332 \cdot \rho \cdot \overline{V}^2 \cdot \left(\frac{v}{R \cdot \overline{V}} \right)^{1/4}$$

Problemas Fundamentais da Perda de Carga Distribuída

São assumidas as seguintes hipóteses:

- 1 Escoamento isotérmico;
- 2 Fluido incompressível;
- 3 Escoamento em regime permanente (permanente em média para escoamento turbulento);
- 4 Escoamento em tubos: seção circular;
- 5 Rugosidade uniforme;
- 6 Escoamento completamente desenvolvido com área de seção constante.

São conhecidas a massa específica, ρ , e a viscosidade cinemática, ν , ou absoluta, μ , do fluido.

Nestas condições, as equações que regem este tipo de escoamento são:

Problemas Fundamentais da Perda de Carga Distribuída

- 1 Equação de Colebrook ou diagrama de Moody:

$$\frac{1}{\sqrt{f}} = -2 \cdot \log_{10} \left(\frac{\varepsilon/D}{3,7} + \frac{2,51}{\text{Re} \cdot \sqrt{f}} \right) \quad (\text{I}) : \text{esc. turb.}$$

$$f = 64/\text{Re} \quad (\text{I}') : \text{esc. lam.}$$

- 2 Equação da continuidade:

$$Q = \frac{\pi}{4} \cdot D^2 \cdot \bar{V} = \text{Cte.} \quad (\text{II})$$

- 3 Número de Reynolds:

$$\text{Re} = \frac{\rho \cdot \bar{V} \cdot D}{\mu} = \frac{\bar{V} \cdot D}{\nu} = \frac{4 \cdot Q}{\pi \cdot D \cdot \nu} = \frac{4 \cdot \dot{m}}{\pi \cdot D \cdot \mu} \quad (\text{III})$$

- 4 Fórmula universal da perda de carga distribuída:

$$h_d = f \cdot \frac{L}{D} \cdot \frac{\bar{V}^2}{2 \cdot g} \quad (\text{IV})$$

São 4 equações e 6 incógnitas: f , D , $\bar{V}$, Q , Re e h_d . Assim, quando duas variáveis são dadas o problema admite solução única.

Problemas Fundamentais da Perda de Carga Distribuída

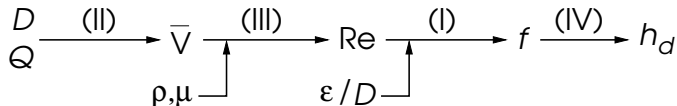
Muitos problemas envolvem cálculos iterativos por aproximações sucessivas. Porém, existem 3 problemas fundamentais mais comuns:

- 1 Cálculo da perda de carga: D e Q ou $\bar{V}$ são dados e deve ser determinada h_d ;
- 2 Cálculo da vazão: D e h_d são dados e deve ser determinada Q ou $\bar{V}$;
- 3 Cálculo do diâmetro da tubulação: Q e h_d são dados e deve ser determinado D .

Somente o primeiro caso tem solução direta. Nos demais deve-se iterar para calcular D ou $\bar{V}$, porque ambos estão contidos na ordenada e abscissa do diagrama de Moody.

1º Problema: Cálculo da Perda de Carga, h_d

São dados D e Q . Sequência de cálculos:



Via método numérico, por exemplo Newton-Raphson, pode-se calcular f e resolver a equação de Colebrook [Eq. (I)] que é implícita... ou também pode-se usar tentativa e erro.

2º Problema: Cálculo da Vazão, Q

São dados h_d e D . Como não é conhecida $\bar{V}$, não é possível calcular Re ou f . Para se evitar iterações recorre-se à uma modificação da equação de Colebrook. Define-se:

$$\alpha = \frac{1}{2} \cdot Re^2 \cdot f \therefore \alpha = \frac{1}{2} \cdot \left(\frac{h_d}{\frac{L}{D} \cdot \frac{\bar{V}^2}{2g}} \right) \cdot \left(\frac{\bar{V} \cdot D}{\nu} \right)^2 = \frac{g \cdot D^3 \cdot h_d}{L \cdot \nu^2}$$

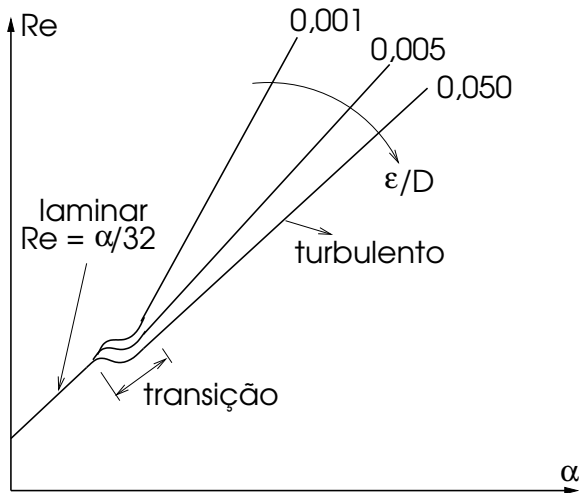
Dessa forma elimina-se a grandeza $\bar{V}$ de f e Re . Sequência de cálculos:



Onde a equação de Colebrook modificada com o parâmetro α é dada por:

$$Re = -\sqrt{8 \cdot \alpha} \cdot \log \left(\frac{\varepsilon / D}{3,7} + \frac{2,51}{\sqrt{\alpha}} \right)$$

2º Problema: Cálculo da Vazão, Q



Caso o escoamento seja laminar, a equação é:

$$Re = \frac{\alpha}{32}$$

O diagrama de Moody, então, assume uma forma semelhante ao esboço ao lado.

3º Problema: Cálculo do Diâmetro do Duto, D

São dados Q e h_d . Como D ocorre em Re , ε/D e f , uma manipulação considerável seria necessária pela via direta. A manipulação que se propõe aqui também é na equação de Colebrook. Inicialmente escrevem-se:

$$Re = \frac{\bar{V}.D}{\nu} = \frac{4.Q}{\pi.D.\nu} \quad (a) ; f = h_d \cdot \frac{D}{L} \cdot \frac{2.g}{\bar{V}^2} \quad (b)$$

A seguir, elimina-se D das Eqs. (a) e (b) montando o seguinte grupo adimensional:

$$\beta = \sqrt{f.Re^5} = \sqrt{\frac{128.g.h_d.Q^3}{\pi^3.L.\nu^5}} \quad (c)$$

Pode-se eliminar D da rugosidade relativa montando outro grupo adimensional:

$$\frac{\varepsilon.\nu}{Q} = \frac{4.\varepsilon/D}{\pi.Re} \quad (d)$$

3º Problema: Cálculo do Diâmetro do Duto, D

Assim, resultam:

Para escoamento laminar:

$$Re = \sqrt{\frac{\beta}{8}} (e)$$

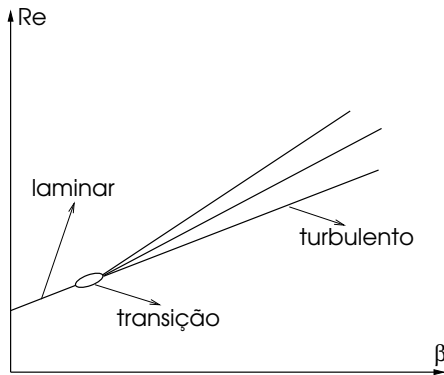
Para escoamento turbulento hidraulicamente liso:

$$Re \cong 1,43.\beta^{0,416} (f)$$

Para escoamento turbulento hidraulicamente rugoso: outra modificação da equação de Colebrook que continua complicada, pois agora é implícita para Re , o que demanda também solução iterativa.

$$Re^{2,5} = 2 \cdot \log \left[\frac{\pi \cdot (\varepsilon/D) \cdot Re}{14,8} + \frac{2,51 \cdot Re^{1,5}}{\beta} \right] (g)$$

3º Problema: Cálculo do Diâmetro do Duto, D



A sequência de cálculos fica:

- 1 Com β calcula-se Re pela Eq. (f), i.e., como se fosse hidraulicamente liso;
- 2 Com Re calculado no passo anterior, insere-se este valor no lado direito da Eq. (g) e calcula-se $Re^{2,5}$;
- 3 Cada resultado obtido para $Re^{2,5}$ permite calcular novo valor de Re , inserindo-o no lado direito da Eq. (g) e recalculando $Re^{2,5}$. Em geral poucas iterações resultam em convergência;
- 4 Com Re calcula-se D via

$$D = \frac{4.Q}{\pi.v.Re}$$

Método da *Força Bruta*

Nos problemas de cálculo de dutos do 2º e 3º casos, que exigem cálculos iterativos (tentativas e erros), é frequente o uso da "força bruta". Mesmo neste método, existem algumas recomendações úteis.

2º Caso: cálculo de Q ou $\bar{V}$, dados h_d , D , ε e L :

- 1 Calcular ε/D ;
- 2 Como 1ª aproximação admite-se escoamento hidraulicamente rugoso. Neste caso f não é função de Re , sendo apenas de ε/D que são as curvas horizontais no diagrama de Moody ou usa-se a equação $1/\sqrt{f} = 2. \log(D/\varepsilon) + 1,14$;
- 3 Da equação $h_d = f.(L/D).(\bar{V}^2/2.g)$ calcula-se $\bar{V}$ e em seguida $Re = \bar{V}.D/\nu$;
- 4 Com Re usa-se a equação de Colebrook para determinar a 2ª aproximação de f ;
- 5 Repetem-se os passos 3 e 4 até convergência (geralmente de 2 algarismos significativos);
- 6 Calcula-se $\bar{V}$ correspondente a f e Q é determinado por $Q = \bar{V}.A$.

Método da *Força Bruta*

3º Caso: cálculo de D , dados h_d , Q , ε e L . Não se conhece f , $\bar{V}$ e D e, portanto, Re e ε/D , mas é possível rearranjar as equações básicas:

$$h_d = f \cdot \frac{L}{D} \cdot \frac{\bar{V}^2}{2 \cdot g} = f \cdot \frac{L}{D} \cdot \frac{Q^2}{2 \cdot g \cdot \left(\frac{\pi \cdot D^2}{4} \right)^2} \therefore D^5 = \frac{8 \cdot L \cdot Q^2 \cdot f}{h_d \cdot g \cdot \pi^2} \quad (\text{A})$$

$$Re = \frac{\bar{V} \cdot D}{\nu} = \frac{Q \cdot D}{\pi \cdot D^2 \cdot \nu} = \frac{4 \cdot Q}{\pi \cdot D \cdot \nu} \quad (\text{B})$$

Método da *Força Bruta*

- 1 Admite-se f ;
- 2 Calcula-se D pela Eq. (A);
- 3 Calcula-se Re pela Eq. (B);
- 4 Calcula-se ε/D ;
- 5 Com ε/D e Re calcula-se novo f a partir da equação de Colebrook;
- 6 Repete-se o procedimento até que f não varie mais (dentro de um erro previamente admitido);
- 7 Com f calcula-se D pela Eq. (A).

Perda de Carga Localizada

Para qualquer sistema de tubulações, além da perda de carga distribuída ao longo do comprimento de tubos, ocorrem perdas de carga adicionais chamadas de singulares, ou localizadas, ou ainda secundárias, devido às seguintes ocorrências:

- entradas ou saídas de dutos;
- expansões e contrações bruscas ou suaves;
- curvas e cotovelos;
- têes e outras conexões;
- válvulas totalmente ou parcialmente abertas;
- filtros;
- medidores de vazão e/ou sondas de instrumentação, etc.

Perda de Carga Localizada

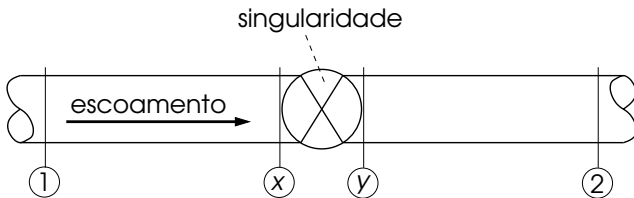
A presença dessas singularidades perturbam o escoamento do fluido, fazendo com que as trajetórias médias não sejam paralelas ao eixo do duto, ou ocorram deslocamentos e superfícies de descontinuidades que geram a formação de vórtices e esteiras e, conseqüentemente, perdas de carga localizadas associadas.

A carga em uma seção da singularidade é dada por:

$H = (\alpha \cdot \bar{V}^2 / 2g) + (\alpha' \cdot p / \gamma) + z$, onde α e α' dependem da seção e podem variar sensivelmente de uma seção para outra. São coeficientes que levam em conta a não uniformidade da distribuição de velocidades e pressão na seção.

Perda de Carga Localizada

A perda de carga entre duas seções imediatamente à montante e à jusante da singularidade é dada por: $H_x - H_y = \Delta H_{xy}$.



Porém, dada a dificuldade de medição de H_x e H_y , que se localizam em seções perturbadas, inserem-se trechos de duto à montante e à jusante da singularidade para se medir as cargas em seções não perturbadas do escoamento, i.e., indiferentes à presença da singularidade. Assim,

$$h_s = \Delta H_{12} - h_{d,12}$$

Perda de Carga Localizada

Conforme visto anteriormente, para o cálculo da perda de carga total, h_L , de um circuito hidráulico, são necessários o conhecimento tanto da perda de carga distribuída, h_d , como da singular (ou localizada), h_s . O modelo matemático utilizado para o cálculo de h_s é:

$$h_s = K \cdot \frac{\overline{V}^2}{2.g} \quad (11)$$

onde K é conhecido como **coeficiente de perda de carga singular** que depende essencialmente de geometria da singularidade. A experiência mostra que h_s depende das grandezas: ρ , $\bar{V}$, D , μ , além da geometria da singularidade. Esta geometria configura o que se costuma chamar de coeficiente de forma da singularidade, função de variáveis como ângulo, relação entre diâmetros, raio de curvatura, arredondamento de arestas, etc.

Perda de Carga Localizada

Idealizando que exista uma tubulação capaz de reproduzir a perda de carga singular, pode-se escrever:

$$h_s = f \cdot \frac{L_{eq}}{D} \cdot \frac{\bar{V}^2}{2 \cdot g} ; \text{ onde } K = f \cdot \frac{L_{eq}}{D}$$

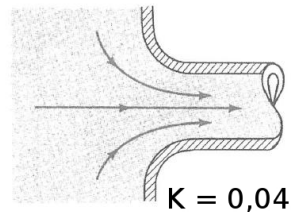
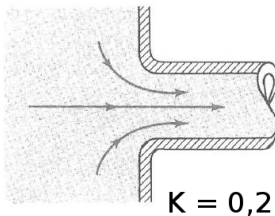
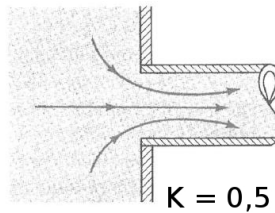
com L_{eq} sendo o comprimento equivalente da perda de carga singular. Este conceito, artificial, permite relacionar todos os tipos de perda de carga.

Assim, para um sistema de tubulações com muitas singularidades e trechos retos de tubos com diâmetro constante, pode-se escrever:

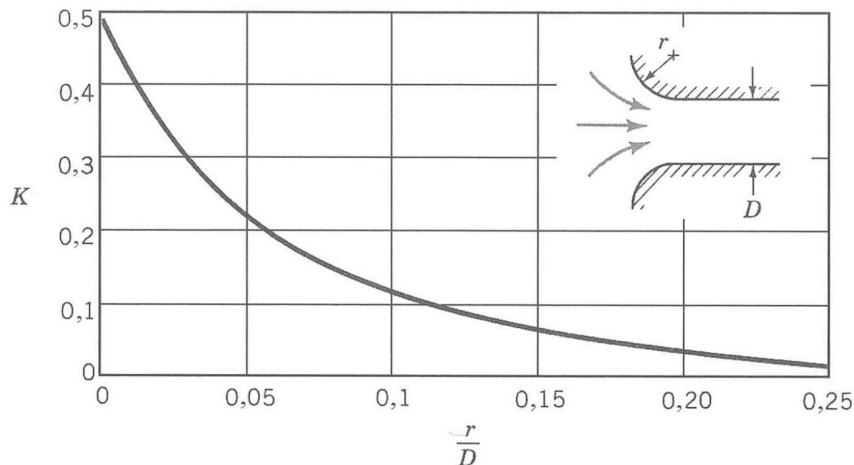
$$h_L = h_d + \sum_{i=1}^N h_s = \frac{f}{D} \cdot \left(\sum_{j=1}^M L_j + \sum_{i=1}^N L_{eq,i} \right) \cdot \frac{\overline{V}^2}{2 \cdot g}$$

A seguir apresentam-se valores e métodos de cálculo de K para as singularidades mais frequentes em circuitos hidráulicos.

Perda de Carga Localizada: saídas de reservatórios

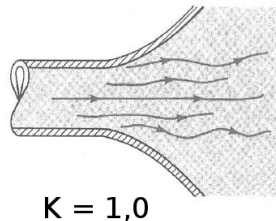
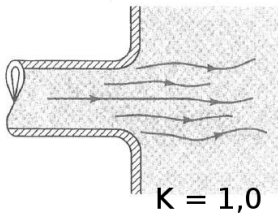
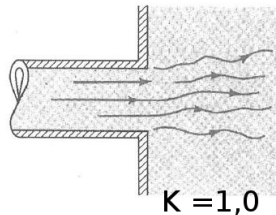
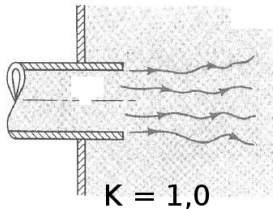


Perda de Carga Localizada: saídas de reservatórios

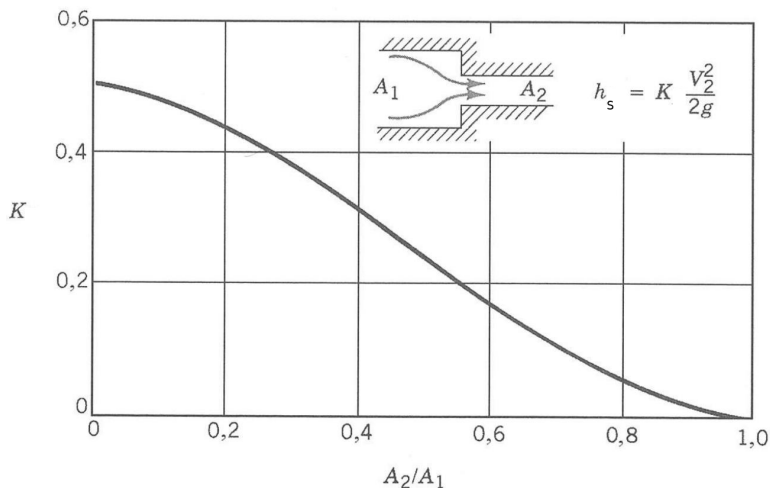


Perda de Carga Localizada

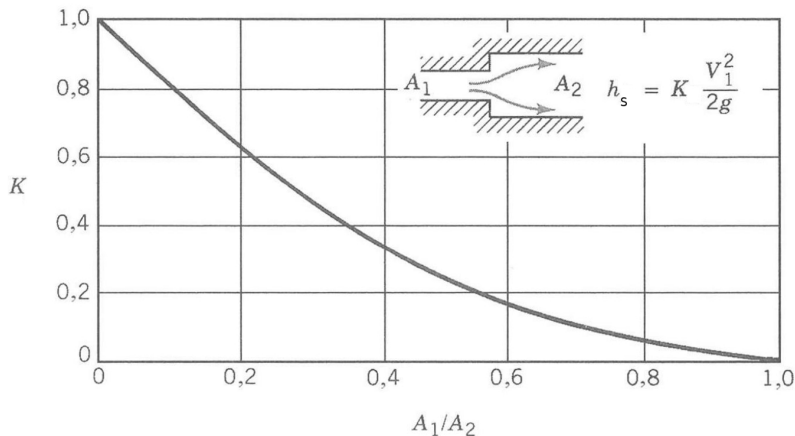
Perda de Carga Localizada: entradas em reservatórios



Perda de Carga Localizada: contração brusca

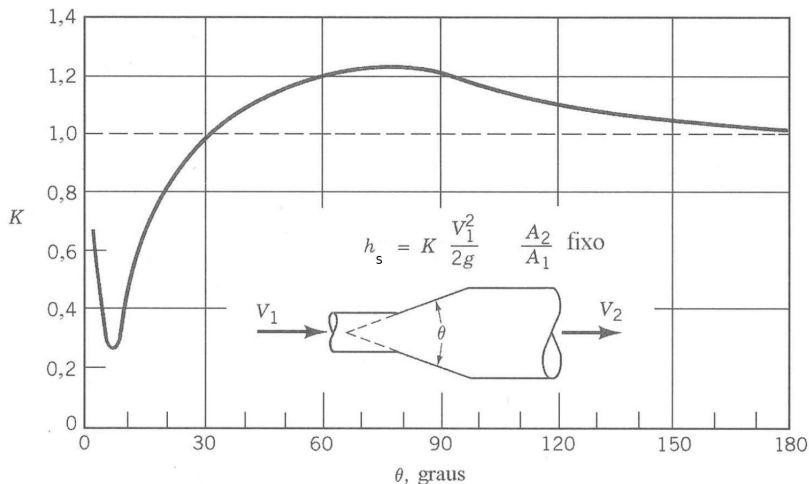


Perda de Carga Localizada: expansão brusca



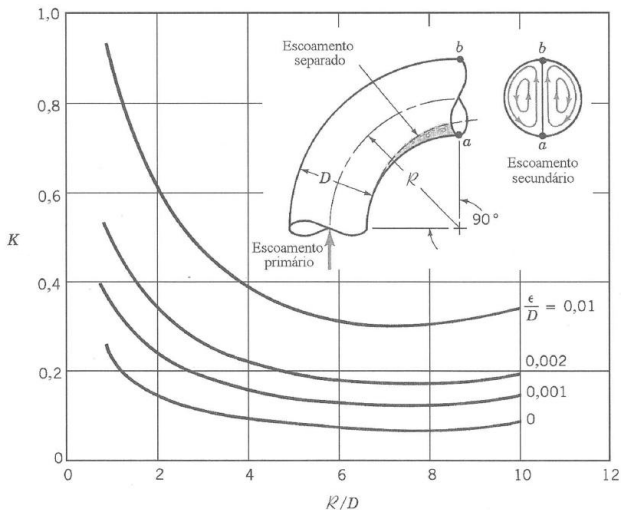
Perda de Carga Localizada

Perda de Carga Localizada: difusor



Perda de Carga Localizada

Perda de Carga Localizada: curvas 90°



Componente	K	γ
------------	-----	----------

A set of navigation icons typically found in Beamer presentations, including symbols for back, forward, search, and other slide controls.

Perda de Carga Localizada: componentes de tubulação

Componente	K	
d. União rosqueada	0,08	
e. Válvulas*		
Globo, totalmente aberta	10	
Gaveta, totalmente aberta	0,15	
Gaveta, 1/4 fechada	0,26	
Gaveta, 1/2 fechada	2,1	
Gaveta, 3/4 fechada	17	
Retenção, escoamento a favor	2	
Retenção, escoamento contrário	∞	
Esfera, totalmente aberta	0,05	
Esfera, 1/3 fechada	5,5	
Esfera, 2/3 fechada	210	

OBS: Quando nada for especificado, adotar o valor $\bar{V}$ à montante da singularidade para o cálculo de h_s .

o na
ade
bo

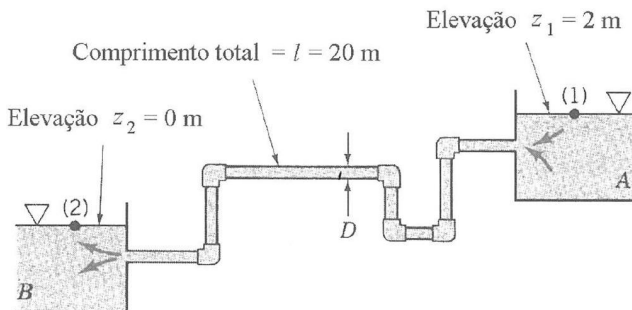


Exercício de Aula 2

O manual do fabricante de um secador de roupa indica que a tubulação de exaustão de gás (diâmetro = 102 mm e fabricado com ferro fundido) não pode apresentar comprimento total maior que 6,1 m e quatro curvas de 90° . Determine a vazão de ar nesta tubulação sabendo que a pressão dentro do secador é 50 Pa. Admita que a temperatura do ar descarregado do secador é igual a 37°C . [Munson, Exemp. 8.10, 4a Edição]

Exercício de Aula 3

Água a $10\text{ }^{\circ}\text{C}$ ($\nu = 1,307 \times 10^{-6}\text{ m}^2.\text{s}$, veja tabela B.1) escoar do reservatório A nostrado na figura abaixo para o reservatório B através de uma tubulação de ferro fundido ($\epsilon = 0,26\text{ mm}$) que apresenta 20 m de comprimento. A vazão de água é de $0,002\text{ m}^3/\text{s}$. O sistema contém uma entrada de canto e seis curvas normais de 90° . Determine o diâmetro desta tubulação. [Munson, Exemp. 8.13, 4a Edição]



Exercício Proposto 1

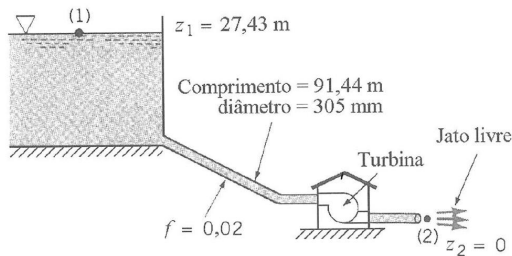
Enunciado: Óleo cru a $60\text{ }^{\circ}\text{C}$ ($\gamma = 8436\text{ N/m}^3$ e $\mu = 3,83 \times 10^{-3}\text{ Pa.s}$) é bombeado através do Alasca numa tubulação de aço com diâmetro e comprimento de 1219 mm e 1286 km, respectivamente. A vazão de óleo na tubulação é de $3,31\text{ m}^3/\text{s}$. Determine a potência necessária para bombear o óleo nesta tubulação. [Munson, Exemp. 8.9, 4a Edição]

Resp.: 154,6 MW

Exercício Proposto 2

Enunciado: A potência da turbina esboçada na figura ao lado é 37,3 kW. A tubulação de alimentação da turbina apresenta diâmetro interno e comprimento iguais a 305 mm e 91,44 m, respectivamente. Admitindo que o fator de atrito do escoamento no tubo é igual a 0,02 e que as perdas de cargas localizadas são desprezíveis, determine a vazão de água através da turbina. Utilize os pontos (1) e (2) já assinalados na figura. [Munson, Exemp. 8.11, 4a Edição]

Resp.: 0,146 m³/s ou 0,555 m³/s



Exercício Proposto 3

Ar, a $25\text{ }^{\circ}\text{C}$ e pressão padrão, escoa num tubo de ferro galvanizado e horizontal ($\epsilon = 0,15\text{ mm}$) com uma vazão de $0,0566\text{ m}^3/\text{s}$. Determine o diâmetro mínimo do tubo sabendo que a queda de pressão não deve ser maior do que 113 Pa por metro de tubo. [Munson, Exemp. 8.12, 4a Edição]
Resp.: $59,3\text{ mm}$